



Dossiê “Rememorando o Sesquicentenário da Confederação no Canadá (1867-2017)”

Apresentação

O passado habita o presente sob uma multiplicidade de formas. Depositário das experiências de vida, ele guia, de maneira implícita ou explícita, os indivíduos e as coletividades nas suas ações cotidianas e as suas aspirações para o futuro. Assim, além de algumas continuidades históricas, cada geração interrogou o passado em função das questões que se colocavam em seus respectivos tempos (MATHIEU; LACOURSIERE, 1991, p. XIV).

Em 1º de Julho de 2017, o Canadá festejou os 150 anos da entrada em vigor da Confederação, momento no qual as colônias do Canadá Unido (constituído, então, pelas atuais províncias de Ontário e Quebec), da Nova Escócia e do Novo Brunswick se reuniram para formar o Domínio do Canadá. Aprender esta data, de um ponto de vista interdisciplinar, é o objetivo do presente dossiê, tomando como foco principal das análises aqui reproduzidas, a diversidade característica do atual mosaico multicultural canadense e as suas relações com o percurso histórico assumido pelo Canadá. Neste sentido, os nossos esforços foram guiados pelo seguinte questionamento: por que lembrar a Confederação hoje?

Inscrevendo-se no movimento lançado pelas revoluções burguesas do século XVIII – em especial, pelas resistências articuladas contra elas – de constituição da nacionalidade e da sua vocação à, preferencialmente, se manifestar no interior de um Estado soberano, o Canadá enfrentou o original desafio de constituir no Novo Mundo, uma nação *ocean to ocean*. Esse exercício deu lugar a uma construção na qual foi preciso criar noções de si, por um lado, influenciadas pelas pressões da experiência estadunidense — *the first new nation* —, e pelos fragmentos das aventuras coloniais francesa e inglesa e, por outro lado, marcadas pelo fundamental contato com as culturas indígenas, mais tarde corretamente reconhecidas enquanto *the first nations*.

O desafio canadense é o pano de fundo do artigo de Yves Couture, traduzido do francês por Janaína Nazzari Gomes, “Império, democracia e pluralismo: o pensamento político no Quebec e no Canadá Inglês”, que abre este dossiê e no qual o autor retraça a evolução do pensamento político no Canadá desde a sua fundação colonial até os dias atuais. De acordo com Couture, o próprio pensamento político canadense se apresenta como um produto da diversidade, manifestada, sobretudo, pela existência, no interior de um mesmo país, de três estratos essenciais, a saber, as Primeiras Nações, os resultados dos projetos coloniais concorrentes francês e britânico e, mais tarde, pela adição de sucessivas ondas migratórias de origens diversas. Assim, Couture destaca, em seu texto, que “essa herança heterogênea, por um lado, explica a dificuldade em fundar uma narrativa nacional unificada comparável aos mitos fundadores americanos e, por outro lado, assinala as estreitas relações entre a diversidade interna de uma nação e a ideia que ela

faz de si mesma sobre o seu lugar no mundo”. Percebe-se, aqui, a importância que assume a questão da diversidade na constituição de referências e de memória coletiva no Canadá. Tomando em consideração que a construção identitária, como apontam Mathieu e Larcoursière (1991, p. 10), é realizada no presente com vistas ao futuro, retirando do passado próximo experiências de vida e trazendo ao presente mitos articulados a partir de um passado longínquo, a diversidade aparece, desde os primórdios, como um elemento constitutivo da identidade canadense.

Em 1867, uma vez superado o desafio criado pela Conquista Britânica de inserir uma antiga colônia francesa no interior de um empreendimento colonial doravante sob controle inglês, a instauração da Confederação pode vislumbrar outros objetivos que aquele de assegurar a lealdade das elites francófonas à nova metrópole. O que estava em jogo, então, era a consolidação do domínio britânico ao norte dos Estados Unidos, em uma área mais ampla que aquela restrita ao Canadá Unido. Com efeito, tratava-se de favorecer a formação de um vasto mercado interno, promover o desenvolvimento das colônias já existentes (Ontário e Quebec) e realizar a expansão em direção ao oeste, fundando as novas colônias de Manitoba, Saskatchewan, Alberta e Colúmbia Britânica.

Apesar de o federalismo ter sido adotado como a forma de Estado, os primeiros anos da Confederação foram marcados por uma tendência centralizadora em benefício do governo federal. Valorizou-se, então, uma narrativa da nação ainda amplamente centrada nas experiências coloniais europeias. Mesmo que o caráter dual da nação fosse evocado, o aporte britânico deveria prevalecer sobre o francês, desconsiderando-se o fato de que, em grande parte do século XIX, os francófonos ainda formavam a maior parte da população canadense. Dessa configuração, sobressaem algumas considerações importantes em relação à diversidade canadense. No interior do Quebec, onde os francófonos conseguiriam se manter amplamente majoritários, produziu-se um reforço das divisões culturais, mas também das clivagens econômicas e políticas entre os anglófonos e os francófonos. Nas demais provinciais do Canadá, os francófonos se tornam cada vez mais minoritários e, portanto, marginalizados, sofrendo grandes restrições para o uso da língua francesa e a prática da religião católica. As Primeiras Nações continuam, ainda, amplamente relegadas a viver *en retrait* das instituições canadenses. Os imigrantes, por sua vez, ainda provinham de um pequeno número de localidades, em especial da Irlanda, auxiliando a reforçar o quadro de minorização das populações francófonas do Canadá.

Até então, a diversidade se apresentava unicamente como um componente demográfico do Canadá, seu potencial de contribuição ainda sendo preterido diante dos imperativos de construir a unidade nacional. Foi apenas no século XX, no âmbito do movimento multicultural, que ela foi erigida como um valor da nação canadense, conseguindo permear a esfera legislativa, na qual ela repercute por meio, notadamente, da aprovação das fundamentais leis sobre as línguas oficiais (de 1969) e sobre o multiculturalismo (de 1988). A temática da diversidade se encontra presente no artigo de Ofélia Beatriz Scher, “La problemática inmigrante en Canadá en perspectiva”, que analisa as políticas migratórias desenvolvidas pelo Canadá da entrada em vigor da Confederação aos dias atuais.

Scher demonstra que as políticas canadenses evoluíram do foco na imigração europeia e branca, para o povoamento do Oeste canadense, em direção à diversificação, tanto das origens quanto dos perfis profissional, étnico e religioso dos migrantes. Esse movimento, que tomou lugar como uma consequência

dos fenômenos de urbanização, industrialização e integração à economia internacional em desenvolvimento no Canadá, levou à instauração do multiculturalismo como política e postura do Estado canadense em relação ao gerenciamento da diversidade etnocultural. Contudo, na esteira dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e da crise econômica de 2008, o país teria experimentado um refluxo contra o pluralismo. Mesmo que não se tenha registrado uma redução, nem dos fluxos migratórios, nem do seu caráter diverso, esse cenário teria criado maiores dificuldades para a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho formal e para o estabelecimento de um diálogo transcultural entre os diferentes componentes da sociedade multicultural canadense.

A adoção do federalismo consolidou a divisão de poderes entre o governo central e as províncias canadenses, reservando a essas últimas, alguns poderes e prerrogativas de sua exclusiva competência. Assim, pela primeira vez desde a Conquista Britânica, os francófonos do Quebec poderiam contar com uma estrutura política no seio da qual eles formavam a maioria da população e, por conseguinte, do corpo eleitoral. No entanto, esta possibilidade de se apoiar em um Estado provincial para emancipar uma população, até então subjugada, só seria plenamente capturada a partir dos anos 1960, na esteira da Revolução Tranquila e da emergência do nacionalismo *québécois*. A questão do Quebec é o objeto da colaboração de Oscar Augusto Berg e Tatiana Vargas Maia, que a apreendem de um ponto de vista atual, analisando o papel da questão nacional quebequense na eleição provincial de abril de 2014, em “Usos do Nacionalismo na Eleição Provincial de Abril de 2014 no Quebec”.

Berg e Maia promovem uma revisão da evolução histórica do nacionalismo e do sistema político no Quebec, indicando, respectivamente, um processo de transformação das fronteiras da nação quebequense marcado por rupturas e continuidades quanto aos seus elementos constitutivos e à fragmentação do sistema partidário da província. A multiplicação de partidos competitivos incrementa a importância das clivagens ideológicas entre as diferentes formações políticas, reduzindo a centralidade da questão da independência no debate público. Esse conjunto de transformações nos elucida sobre a possível virada conservadora dos movimentos nacionalista e independentista quebequenses, afinal, como mostra o processo histórico, a nação quebequense é objeto de um contínuo processo de redefinição de seu conteúdo, seus elementos constitutivos e seus objetivos.

A centralização promovida pela Confederação não é criticada apenas pelos francófonos do Quebec, mas também por aqueles instalados em contexto minoritário, que se elevaram contra a Confederação e as autoridades locais em diversos momentos, como nas rebeliões dos *métis* de Manitoba (1869) e de Saskatchewan (1885), para defender os seus direitos linguísticos.

Desde os tempos da Nova França e, mais intensamente, ao longo do século XIX, formaram-se comunidades francófonas no oeste canadense e, até mesmo, nos Estados Unidos, dando lugar a uma diáspora *canadienne* na América do Norte. Entre os francófonos instalados em contexto minoritário e aqueles do Quebec vigorou, desde então, um sentimento de união em torno da luta pela defesa da cultura canadense francesa, pelos direitos linguísticos e pela vitalidade da prática religiosa católica, elementos estruturantes da identidade canadense francesa e do nacionalismo canadense francês que a manifesta. Os pós-guerras e o início da Revolução Tranquila, no Quebec, revelam o seu esgotamento e a sua substituição por identidades cujo traço diacrítico fundamental seria a pertença territorial. Assim, no lugar de uma única identidade

canadense francesa emergem, para além do nacionalismo *québécois*, as identidades *franco-albertaine*, *franco-colombienne*, *franco-manitobaine*, *franco-ontarienne*, *fransaskoise*, *franco-tenoise* e *franco-yukonaise*, criadas em meio aos debates constitucionais do final do século XX.

Se, a partir de então, temos uma cisão entre os francófonos do Quebec e aqueles das demais províncias – como é possível perceber no momento em que a questão da independência do Quebec é evocada no encontro dos *États généraux du Canada français*, em 1967 – iniciativas recentes têm buscado fomentar novas parcerias entre essas populações, respeitando as suas respectivas autonomias políticas e singularidades. A entrevista com Denis Desgagnés, realizada por Oscar Augusto Berg, coloca em tela uma dessas iniciativas. Criado pelo governo do Quebec e ativo desde 2008, o Centro da Francofonia das Américas, presidido por Desgagnés, tem como principal objetivo aumentar o acesso, a participação e a visibilidade da francofonia das Américas. Constatando o vigor das comunidades francófonas em contexto minoritário canadense, o Centro apoia o seu desenvolvimento por meio do contato entre os seus membros e aqueles que vivem, seja no Quebec, seja nos demais países do continente americano. Atuando nos campos da cultura, economia, educação, comunicação e pesquisa, os trabalhos do Centro promovem o intercâmbio, a criação de vínculos duradores e a realização de ações reunindo os francófonos de toda a América. Assim, o Centro participa diretamente da emergência de uma francofonia das Américas inclusiva, solidária e em movimento.

Percebemos que rememorar a Confederação, 150 anos depois de sua instauração, permite apreender de maneira crítica e histórica a narrativa sobre a nação canadense. Ao colocar o foco das suas análises em três grupos minoritários principais do Canadá — os imigrantes, os francófonos do Quebec e os francófonos vivendo em contexto minoritário — o presente número de *Mouseion* permitiu problematizar o caráter multicultural da sociedade canadense, que se mostra como um mosaico no qual estão presentes vozes exprimindo-se em diferentes línguas e a partir de diferentes perspectivas acadêmicas e de engajamento civil. Nós buscamos contribuir — ainda que de maneira breve — para a compreensão da questão da diversidade do Canadá em uma perspectiva histórica e esperamos que os textos aqui publicados possam chamar a atenção para os desafios presentes e futuros da consolidação do diálogo e do intercâmbio em termos democráticos e pluralistas entre os diversos componentes da sociedade canadense.

Zilá Bernd

Oscar Augusto Berg

Referências

MATHIEU, Jacques; LACOURSIÈRE, Jacques. **Les mémoires québécoises**. Quebec: Presses de l'Université Laval, 1991.